



O ritual como performance e o arquivo audiovisual como (re)constituidor e mantenedor de memória cultural: um estudo acerca do documentário Pinhõ'tsi: Mulheres Xavante sem Nome¹

The ritual as performance and the audiovisual archive as (re) constituting and maintaining cultural memory: a study about the documentary Pinhõ'tsi: Women Xavante without Name

Cristiane Barbiero Venite²

Palavras-chave: performance; documentário; representação; memória cultural; identidade.

Considerando a memória cultural de um povo e a extrema importância de se buscar sua preservação, objetiva-se entender de que formas um arquivo audiovisual é capaz de colaborar com tal manutenção e também com sua (re)constituição, sendo ele uma representação de rituais como performance. A obra que será analisada é resultado de um projeto criado em 1986, pelo documentarista e indigenista Vincent Carelli, que mais adiante veio a se tornar uma organização não-governamental: o projeto Vídeo nas Aldeias (VNA). A ideia era apresentar ao público em geral a vida indígena, por meio de documentários e sob novas perspectivas, distantes do padrão eurocêntrico preconceituoso e estereotipado.

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Santa Maria; mestranda em Comunicação - Programa de Pós-graduação UFSM (Linha de Pesquisa: Mídia e Identidades Contemporâneas); membro do grupo de pesquisa MOVIOLA - Laboratório de Estudos, Pesquisas e Produção em Memórias e Narrativas Audiovisuais. crisvenite@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Nosso objeto de estudo, intitulado Pi'õnhitsi, Mulheres Xavante sem Nome, é um documentário de autorrepresentação, um produto elaborado em diálogo com os processos identitários dos participantes. O filme foi produzido em 2009, com 56 minutos de duração, na aldeia Xavante de Sangradouro (MT), contando com a direção conjunta de Divino Tserewahú (indígena) e Tiago Campos Torres (não-indígena e integrante da equipe Vídeo nas Aldeias desde 2006).

Divino tentava, desde 2002, produzir um filme sobre um ritual de iniciação feminino já não mais praticado em qualquer outra aldeia Xavante, porém, por um motivo ou outro, todas as suas tentativas foram interrompidas. Durante as filmagens, em função do prazo de realização que está se esgotando, os próprios indígenas chegam à conclusão de que “se trata de um filme sobre uma festa que não acontece mais”. Trata-se da representação de um ritual não-representado.

É com base neste documentário que se pretende entender de que modos um arquivo audiovisual é capaz de colaborar com a reconstituição e manutenção da memória cultural de um povo. Para tanto, foi organizada uma discussão que abrange, entre outros aspectos teóricos, a definição de performance para Taylor (2013), o conceito de memória cultural na visão de Assmann (2011) e as singularidades de memória, protomemória e identidade, sob a ótica de Candau (2016).

Por meio do conceito de performance cunhado por Taylor (2013) e de sua aplicação empírica na tentativa de se representar um ritual já em desuso durante a produção de um documentário, poderemos focar em uma análise fílmica que talvez nos responda às questões acima levantadas, processo que terá continuidade durante a dissertação já mencionada, ainda em fase de desenvolvimento. Além disso, pretende-se que, levando adiante a discussão acerca de performance, memória cultural, identidade e protomemória se alcance com êxito o objetivo deste artigo, ou seja, entender de que formas um arquivo audiovisual é capaz de colaborar com a manutenção da memória cultural de um povo (ao mesmo tempo em que a reconstitui, por se tratar de um produto construído em representações midiáticas).



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

O conceito de performance desenvolvido por Taylor (2013), que enxerga as práticas do corpo e pelo corpo como importantíssimos recursos de análise cultural, aproxima-se bastante da ideia de protomemória levantada por Candau (2016). Segundo a autora, existem duas perspectivas essenciais para a performance: ela é uma performance, como acontecimento ao vivo, aqui presente, “como afirmação ontológica, embora localizada” ou ela é vista como uma performance, ou seja, como uma epistemologia que oferece um modo de conhecer (a prática incorporada traz outras práticas culturais associadas a ela, permitindo vislumbrar todo um repertório cultural). “O é/como realça a compreensão da performance como simultaneamente ‘real’ e ‘construída’” (TAYLOR, 2013, p. 28). É neste sentido construído que analisaremos as performances que nos são trazidas por meio do documentário estudado.

Para tanto, podemos pensar nas inúmeras tensões entranhadas nas performances que os arquivos escritos jamais conseguiriam carregar com tamanha riqueza.

As performances incorporadas têm sempre tido um papel central na conservação da memória e na consolidação de identidades em sociedades letradas, semiletradas e digitais. Nem todo mundo chega à “cultura” ou à modernidade por meio da escrita. Acredito ser imperativo continuar reexaminando as relações entre a performance incorporada e a produção de conhecimento. Poderíamos examinar as práticas passadas, consideradas por alguns como desaparecidas. Poderíamos examinar práticas contemporâneas de populações geralmente rejeitadas como “retrógradas” (comunidades indígenas e marginalizadas). [...] É difícil pensar sobre a prática incorporada no interior dos sistemas epistêmicos desenvolvidos no pensamento ocidental, em que a escrita se tornou avalista da própria existência (TAYLOR, 2013, p. 21).

Taylor (2013) esclarece que a performance, quando estudada como um evento isolado, em seu sentido ontológico, será sempre analisada conforme a cultura em que está inserida, já que um evento pode ser considerado performance em um local, mas não em outro. Já ao ser abordada como epistemologia, a performance trará as práticas incorporadas ao cotidiano e associadas a ela: é a performance dissolvida na cidadania,



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

na etnicidade, nas relações cívicas. Desta última forma, a performance pode nos oferecer um modo de conhecer uma cultura, suas memórias e identidades, podendo operar até mesmo como uma categoria de análise.

A performance, como aponta Roach, diz respeito tanto a esquecer quanto a lembrar. O Ocidente se esqueceu de muitas partes do mundo que escapam de seu alcance de explicação. Todavia, lembra-se da necessidade de cimentar a centralidade de sua posição como Ocidente ao criar e congelar o não ocidental como sempre outro, “estrangeiro” e impossível de conhecer. A dominação pela cultura, pela “definição”, pela pretensão à originalidade e autenticidade tem funcionado em conjunto com a supremacia econômica e militar (TAYLOR, 2013, p. 39).

Assim, por meio da análise das performances de uma tribo indígena Xavante, autorrepresentadas em um documentário, poderíamos temporariamente fugir desta pretensa posição dominante ocidental e identificar a reconstituição de memórias e processos identitários daquele povo, mesmo sabendo que nossas heranças coloniais podem estar mais arraigadas do que supomos. “O conceito de performance, como práxis e episteme incorporada, por exemplo, mostraria ser vital para se definirem os estudos latino-americanos, pois ele descentra o papel histórico da escrita introduzido pela Conquista” (TAYLOR, 2013, p. 46).

Se recorrermos a Candau (2016), veremos que a memória coletiva trata-se de uma representação, ou seja, enunciados produzidos por alguns indivíduos que supõem que aquelas lembranças sejam comuns aos demais. Sendo assim, o que percebemos como memória coletiva, pode ser uma hipótese gerada por um indivíduo em particular.

A memória que constitui os “saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade” é a chamada protomemória (CANDAU, 2016, p. 22). Esta, sim, é a memória ligada ao hábito, às rotinas, à linguagem gestual e oral, mesmo que muitas vezes nem chegue a ser verbalizada. Trata-se da memória imperceptível atrelada ao comportamento físico do indivíduo, onde o passado não está representado, mas agindo por meio do corpo. No entanto, Candau



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

(2016) também entende outros dois tipos de memória: a memória de alto nível, ou memória propriamente dita, e a metamemória, que seria a representação que cada pessoa faz de sua própria memória e, mais do que isso, o que diz sobre ela (como reconstitui seu passado e, conseqüentemente, sua identidade).

No documentário de autorrepresentação em análise, assistimos à metamemória e, ao mesmo tempo, podemos tentar analisar a protomemória, tendo plena consciência de que ambas podem nos fornecer leituras completamente diferentes e até mesmo opostas. Quando dizemos uma coisa e nosso corpo passa outra informação, é necessário “ouvir” de forma mais atenta, ler entrelinhas e buscar ressignificações. Um dos objetivos de se dar continuidade a este trabalho, por meio de uma análise fílmica a ser desenvolvida em uma dissertação de Mestrado, é justamente este: desvendar reconstituições identitárias talvez ainda ocultas no documentário estudado.

Podemos pensar no documentário como uma forma de arte de armazenamento, como um caminho para a memória, nele protegida contra o tempo e o esquecimento pelo auxílio das técnicas audiovisuais. Assmann (2011) já diferenciava memória como arte e memória como potência, sendo a potência intimamente ligada à recordação, aos processos identitários que compõem quem lembra ou esquece. E é justamente o que resta entre o que entra e o que sai da mente que chamaremos de recordação, capacidade que máquina ou suporte técnico algum até hoje foi capaz de desenvolver.

Nesse sentido, podemos entender que a memória como potência participa da construção da memória como arte, uma vez que as recordações ligadas à consciência/identidade de cada indivíduo serão parte da construção de suas representações, que poderão ser deixadas na forma de criação artística. “Esse olhar retrospectivo sobre a concepção de imagem da mnemotécnica antiga demonstra como os aspectos da arte e da força, da ars e da vis, podem atuar em conjunto na memória”, como nos lembra Assmann (2011, p. 241). O documentário, seguindo esta linha de raciocínio, é uma reconstituição de recordações montadas na forma de um suporte



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

técnico que poderão lhe garantir longevidade. É o que Assmann (2011) denominou de mídia de memória.

Constatou-se que o documentário *Pinhõ'tsi: Mulheres Xavante sem Nome* possibilita que parte da etnia Xavante conte sua própria história, tanto mantendo quanto (re)constituindo memórias e identidades. Como elaboração conclusiva, chegamos ao entendimento de que este filme opera pela criação de uma contra-história e fuga do lugar-comum apresentado por uma visão eurocêntrica amplamente difundida, o que poderá ser posteriormente aprofundado em uma análise empírica da obra, a ser desenvolvida na dissertação de Mestrado em Comunicação já em andamento. Espera-se, ainda, que este artigo possa despertar o interesse de outros pesquisadores acerca das discussões levantadas e sirva de estímulo para futuros estudos científicos na área.

Referências bibliográficas

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo, PUC, n.10, p.7-29, dez. 1993.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

Site da ONG Vídeo nas Aldeias. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/index.php> Acesso em: 04 de junho de 2017.